

ENCONTROS ENTRE IMAGENS CINEMA E O OUTRO DO PENSAMENTO NAS REDES FORMATIVAS COM PROFESSORES

Larissa Ferreira Rodrigues Gomes*
Janete Magalhães Carvalho**

Resumo

O artigo é uma composição de imagens e conversações tecidas junto a um grupo de professores de uma escola de Vitória/ES. Problematiza, a partir de conversas com docentes, pela intercessão entre as imagens cinema e as imagens escola, o que emerge nos encontros cotidianos entre professores e crianças. Metodologicamente, articula a cartografia e a pesquisa com os cotidianos, seguindo as linhas imanentes das práticas educativas e de pensamentos não dogmáticos para a formação de professores, usando como disparador de conversas o filme “O Balão Vermelho”. Conclui que o que acontece nos encontros cotidianos é o aumento da capacidade de fabular imagens-sonho que criam linhas errantes. Assim, nos encontros entre imagens cinema e docências e infâncias, vão se compondo experiências estilísticas com o outro do pensamento, cunhando outros sentidos para os movimentos educativos.

Palavras-chave: Cinema. Pensamento. Formação continuada de professores.

1. NAS DOBRAS DAS IMAGENS...

Ao discutir sobre as imagens cinema, Deleuze (2007) dizia que desde cedo se procuravam circuitos cada vez maiores que fossem capazes de unir uma imagem atual a imagens-lembranças, imagens-sonho e imagens-mundo. Porém, a partir das teorizações de Bergson, o autor indagava: não seria preciso contrair, em vez de dilatar a imagem? Procurar um menor circuito que fosse limite interior aos outros? Procurar um circuito capaz de colar a imagem atual a um tipo de duplo correspondente?

Ao fazer a análise de diversos filmes, Deleuze (2007) destacava que muitos, ao evocarem os circuitos da lembrança, acabavam se remetendo e repousando em circuitos menores. Essas análises ajudaram-no a tecer teorizações, afirmando, assim como Bergson, que a “[...] própria imagem atual tem uma imagem virtual que a ela corresponde, como um duplo ou reflexo. [...]. Há uma formação de uma imagem bifacial, atual e virtual” (DELEUZE, 2007, p. 87-88).

* Doutora em Educação. Professora da CRIARTE da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: larirodrigues22@hotmail.com

** Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: janetemc@terra.com.br

O circuito atual-virtual passa a ser vislumbrado como um espelho no qual as imagens se proliferam, umas tornando-se as outras ao mesmo tempo, fazendo o jorro do tempo e da vida em sua diferenciação. Esse movimento coalescente e incessante Deleuze (2007) e Bergson (2006) consideraram como formação de cristais, quando uma imagem atual, separada de seu “prolongamento motor” ou automatismo (DELEUZE, 2007), cristaliza com sua própria imagem virtual, constituindo uma imagem-cristal.

Esse circuito menor (atual-virtual), limite para acionar outros circuitos mais complexos do pensamento e com grande importância para a percepção de um tempo que se apresenta de forma direta e pura, inquietamos a problematizar ainda mais sobre o movimento do pensamento dos docentes, a partir dos efeitos das imagens cinema nas redes de conversações com professores em formação continuada.

Considerando que as imagens deslizam umas sobre as outras, refletindo em todas as suas faces, havendo uma “[...] indiscernibilidade do real e do imaginário, ou do presente e do passado, do atual e do virtual [...]” (DELEUZE, 2007, p. 89), como um duplo movimento de liberação e de captura, tornou-se necessário seguir as linhas que desenhavam as imagens-cristal, os encontros que perfuravam o prolongamento motor (automatismo/dogmatismo do pensamento) e nele entravam, saindo de si imagens ou realidades. A cartografia e a pesquisa com o cotidiano (CARVALHO, 2008; 2009) buscaram percorrer a superfície dos encontros estabelecidos entre as imagens cinema e as imagens das redes de conversações com professores em formação continuada em uma escola Municipal de Vitória –ES, abordados em pesquisa concluída em 2015, para conhecer que virtualizações formativas são possíveis no encontro com o “outro” do pensamento.

Em muitos dos momentos experienciados pela interseção entre cinema e formação continuada na

escola, os professores mobilizavam as imagens dos filmes, tomavam-nas por uma relação especular ou relação de troca, na qual personagens-professores se imbricavam em uma indiscernibilidade entre imagens virtuais e atuais. A esse respeito, Deleuze (2007, p. 89) ressalta que “[...] quando as imagens virtuais assim proliferam, o seu conjunto absorve toda a atualidade da personagem, ao mesmo tempo que a personagem já não passa de uma virtualidade entre outras”.

Nesse sentido, foi possível perceber que, nas dobras das imagens, os professores faziam denúncia e quebravam alguns clichês, como também eram capturados por outras imagens-moral, já que o cinema, como gostava de dizer Deleuze, não apenas apresenta imagens, mas as cerca com um mundo. E esse mundo aqui se mostra o da docência e da escola.

Assim, a aposta aqui apresentada intencionou incomodar o pensamento dos professores com imagens de um mundo que os cerca. Violentar o pensamento por meio de imagens-movimento, com intuito de esgarçar o “arco sensório-motor” (DELEUZE, 2009) dos automatismos e dogmatismos, fazer denúncia e quebra de clichês, assim como mover-se em meio às imagens-tempo do cinema para experimentar o jorro da vida em vias de diferenciação.

Importava uma “cartografia do cotidiano” (CARVALHO, 2008) escolar que fizesse “mostragem” (DELEUZE, 2007) dos movimentos do pensamento nas redes de conversações com professores em formação continuada em um jogo de dobras, fazendo perceber a face límpida (visível) e a opaca (invisível) das imagens escola, provocadas pelas imagens cinematográficas do filme de curta metragem “O Balão Vermelho”.

Quando a imagem virtual se torna atual, então é visível e límpida, como um espelho ou na solidez do cristal terminado. Mas a imagem atual também se torna virtual, por seu lado, remetida a outra parte, invisível, opaca e tenebrosa, como um cristal que mal foi retirado da terra. O par atual-virtual se prolonga,

pois, imediatamente em opaco-límpido, expressão de sua troca (DELEUZE, 2007, p. 90).

A partir dessas concepções, as imagens do filme se entrelaçaram às redes de conversações com professores, imbricadamente formando imagens-cristal, das quais seus espelhos tomavam a atualidade dos docentes e da escola que, conseqüentemente, encontravam suas imagens virtuais correspondentes. Deste modo, o presente texto objetivou compreender, por meio do encontro entre as imagens cinema com as imagens escola, o que devém nos encontros cotidianos entre professores e crianças?

2. ENCONTROS COM O OUTRO DO PENSAMENTO: ENTRE IMAGENS E PROFESSORES E CRIANÇAS E BALÃO VERMELHO...

A escola apresenta seus modos de composição: professores, pensamentos, famílias, imagens, crianças, conteúdos disciplinares. Está aberta aos acontecimentos, aos duplos movimentos de busca por escavar a profundidade das coisas, a estrutura das experiências, uma consciência já dada e a identidade das relações. Porém, o duplo movimento abre o campo das experimentações para o deslizar pela superfície das relações educativas e de suas afecções e sensações.

A escola também devém ao permitir a tessitura de linhas nômade que percorrem os desertos e que almejam o encontro de corpos e a composição de um plano estilístico de vida, pois “[...] na superfície, primeiro se levantam estes duplos ou estas Imagens aéreas; depois, no sobrevoo celeste do campo, estes Elementos puros e liberados [...] outrem desaparecido”. (DELEUZE, 2011, p. 325). É na superfície das relações escolares que devém o encontro com o outro que estava desaparecido, apagado ou excluído: o encontro com o outro do pensamento.

O devir é intempestivo, não estruturado. Não apresenta uma imagem-fixa. Como, então, perceber o que devém do encontro com o outro do pensamento? Como compreender as imagens recortadas do “plano-sequência” (DELEUZE, 2007) e os afetos que se descolam das imagens-movimento, permitindo sentir os processos de criação que se dão no encontro com o outro do pensamento?

O que se passa entre cinema e formação deixa algumas pistas. Convoca o olhar e violenta o pensamento a se chocar contra o apagamento de outrem e chama a atenção para a potência do devir. As imagens do filme “O balão vermelho”, uma produção de 1950, evocam a tessitura de conversas com os docentes.

O filme permite mover-se sobre a superfície de uma relação singular e incorporal entre um garoto e um balão. Uma criança desliza pelas ruas da periferia parisiense, cartografando os enquadramentos, até se encontrar com um balão vermelho que estava em perigo, preso e solitário no alto de um prédio. Um afeto emerge: era preciso ajudá-lo...



Imagem 1 – Imagem do filme “O Balão Vermelho”.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=_SaRIP44CQQ>. Acesso em: 18 maio 2014.

Ao liberar a passagem para o balão, a criança ganha sua lealdade, e o novo amigo passa a segui-lo pelas ruas de Paris, por bondes, escolas, becos e avenidas... A criança entra em relação com o balão. O balão vermelho a provoca, alegre.

As crianças realizam viagens histórico-mundiais sem saírem do Continente da Infância e da Arte [...] abrem e fecham portas, telhados e planos, enlouquecendo totalmente o pensamento do bom senso da Infância e do senso comum da Arte. Em suma, em devir-infantil, as crianças, cartógrafas-impessoais-artistas fazem até voar os morcegos que bicam suas janelas [*e por que não voar com os balões?*] (CORAZZA, 2008, p. 240, grifo nosso).

No agenciamento do desejo de experimentar uma vida outra, fazem amizade com balões que voam sozinhos rumo ao encontro da alegria e, assim, um acontecimento emerge no cuidado de si e do outro, no cuidado de uma relação de amizade em devir-criança e devir-balão.

E na escola, o que devem nos encontros cotidianos entre professores e crianças?

Entre as imagens cinemas e as imagens escolas, o encontro com as imagens das crianças coloca o pensamento em movimento. Provoca outros sentidos cognitivos para a docência e para as redes de aprendizagens infantis. As cenas do balão vermelho entrelaçavam-se com as memórias dos docentes ao narrarem suas histórias de encontro com as crianças... Outra estética da existência pode ser sentida. Torna-se possível pensar a “[...] docência como um lugar privilegiado de experimentação, de transformação de si [...]” (FISCHER, 2009, p. 94).

E uma personagem-escola dispara: “O balão vermelho para mim é a curiosidade das crianças e o desejo que têm por aprender, e eu penso que ensinar está diretamente relacionado com a forma como nós, professores, nutrimos esse desejo”.



Imagem 2 – Imagem do filme “O Balão Vermelho” – curiosidade da criança.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=_SaRIP44CQQ>. Acesso em: 18 maio 2014.

Criança e balão conquistam-se. O desejo de experimentar dá passagem para imagens-afecção e cria pontes para sua efetuação. O acontecimento da conquista abre um campo possível para a afirmação de uma vida bela que não se deixa aprisionar pela dureza da sociedade moderna, pelos enquadramentos da infância, que não lhes permitem o direito de entrar com seus sonhos em locais sérios demais, como o bonde e a escola, punindo-as com a inércia de um mundo sem inventividade.

Professores, parentes e amigos tentam tirar o balão do garoto, mas ambos traçam suas linhas de fuga, brincam de esconder, inventam planos para enganar os adultos. Tecem uma relação sensível.



Imagem 3 – “O Balão Vermelho” e as tentativas de enquadramento do devir-criança e do devir-balão.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=_SaRIP44CQQ>. Acesso em: 18 maio 2014.

Assim,

[...] como mapeadoras intensivas dos movimentos das relações pedagógicas de poder e dos deslocamentos dos saberes curriculares, as crianças redistribuem os impasses e a abertura desse poder, limiares e clausuras desses saberes, limites e superações dos seus modos de subjetivação, em busca do Acontecimento [...] (CORAZZA, 2008, p. 240).

As crianças sabem “profanar” a vida (AGAMBEN, 2007). E nós, professores, não estaríamos demasiadamente endurecidos, de modo que não nos entregamos aos acontecimentos e aos encantamentos das/ nas salas de aulas? Não estaríamos sujeitados pela ordem disciplinar de controle dos corpos e dos pensamentos, da afetividade que não nos permite segurar o balão?



Imagem 4 – “O Balão Vermelho” – O professor que tenta apreender o devir-balão.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=_SaRIP44CQQ>. Acesso em: 18 maio 2014.

As narrativas do filme mostram como algumas imagens ortodoxas de pensamento se fixam nas instituições, entre estas, a escola. O engessamento das relações e do encontro com o outro do pensamento por essa imagem-moral tenta bloquear a abertura do campo das experimentações para o que é colorido, para o desejo

de encontro da criança, mantendo em seu seio a lógica da disciplina, do enfileiramento dos corpos, da punição dos que subvertem a ordem do estabelecido, tentando aprisionar o tempo da infância à sua projeção futura e não a um tempo em que a criança possa experimentar sua duração e o sentido dos acontecimentos, ou seja, a vida em sua diferenciação.

Nas conversas com os docentes, outras histórias de professores provocam o pensamento a buscar o heterogêneo e o encontro com o “outro”: “Fico pensando que, às vezes, a criança chega toda empolgada na minha mesa para perguntar, ou até mesmo para contar uma coisa que lhe aconteceu, e estou tão atarefada, com tanta coisa para fazer, que nem dou a devida atenção ao que ela estava dizendo, nem noto se seus olhos estavam brilhando. Eu sei que não faço isso porque não gosto da criança, mas tem uma força maior que me obriga a cumprir com os conteúdos do livro, com o preenchimento das pautas, com a correção dos cadernos. Mas vejo que tenho que fazer de outra forma, porque, assim, acabo minando com o desejo de aprender da criança” (narrativa da personagem-escola B).

A *imagemnarrativa* argumenta sobre a necessidade da constituição de uma ética e de uma estética docente que colocam em questão a possibilidade de tecer um outro estilo para as práticas pedagógicas. A transformação de si e a abertura para sentir e viver os acontecimentos escolares perpassam por uma dobra na força que sujeita os indivíduos ao engessamento e os distanciam do “outro”. É um convite estilístico de desaprender a ser triste...

As imagens cinematográficas de “O Balão Vermelho” potencializam as *imagensnarrativas* docentes ao abrirem o campo da percepção para imagens-afecções de *um encontro* estabelecido entre criança e balão em devir, permitindo a produção da liberdade, o encantamento e experimentações (in)corporais, que

só em devir-criança e devir-balão são capazes de traçar um plano de fuga das durezas da sociedade “produtiva demais”, competitiva, intolerante, impaciente e demasiadamente cruel.

O convite é para devir-criança. Infantilizar-se com a beleza das coisas, dos pensamentos e das pessoas. Essa é a arte do encontro. Abrir-se à magia do inesperado e provocar o olhar para a potência das relações tecidas nas salas de aula pela emergência do acontecimento e de toda sua capacidade de ser inesgotável, “[...] porque é imaterial, incorporeal e virtual” (CORAZZA, 2008, p. 240).



Imagem 5 – Imagem do filme “O Balão Vermelho” – A arte do encontro entre devires.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=_SaRIP44CQQ>. Acesso em: 18 maio 2014.

O cinema desliza sobre as imagens-mundo e faz mostragem dos dogmatismos ao expor o endurecimento das relações humanas que sobrecodificam também as crianças, já que nem todas são capazes de se lançar aos encontros e ao campo do devir. O cinema convida a desaprender a ser triste e a desaprender o que não nos serve.

“O que fazemos na escola, em nossas salas de aula, com as crianças vem me fazendo pensar no que vale realmente a pena na educação. Quando eu comecei no magistério, eu pensava que o mais importante era instruir bem meu aluno, mas hoje eu penso que de nada adianta eu encher a cabeça das crianças com um monte de conteúdos, com regras. Eu tento fazer o máximo para que a minha sala de aula seja um lugar especial, lugar de brincadeira, de fantasia, e eu me divirto com isso, me canso também, mas depois vejo que isso é que é legal na nossa profissão” (narrativa da personagem-escola V).

E, como um balão e uma criança que devêm e resistem às tentativas de aniquilamento da imaginação e do desejo, a docência se reinventa como uma obra de arte. Cria outros olhares mais sensíveis para as relações educativas.

O cinema convida a abrir-se à experiência do acontecimento e devir como criança e como balão. O convite é para transformar-se, produzir a diferença pelo cuidado ético de si e do outro, pois,

[...] a constituição para si de um estilo de vida teria a ver com a dinamização de uma capacidade de provocar, de duvidar, de dedicar-se a si mesmo com vigilância e esforço, com vigor, com entrega ao genuíno desejo de desaprender o que já não nos serve [...] (FISCHER, 2009, p. 95).

As imagens de “O Balão Vermelho” colocam o pensamento docente em movimento. Fazem mostragem das linhas molares que escavam relações de profundidade, que visam à estruturação do outro e, assim, constituem alguns processos de subjetivação que moldam o comportamento de meninos e meninas a agirem de acordo com o que se pede, pela disputa do espaço e destruição do outro. O balão é apedrejado, estouram imagens-sonho.

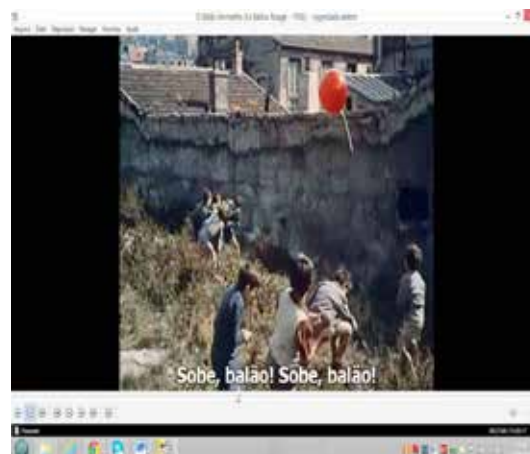


Imagem 6 – Imagem do filme “O Balão Vermelho” – Luta pela existência de uma vida outra.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=_SaRIP44CQQ>. Acesso em: 18 maio 2014.

3. ENTRE IMAGENS-SONHO E CINEMA E EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E ENCONTROS POSSÍVEIS

Estaria o menino sonhando com um encontro afetivo com um balão? Estariam as imagens do filme a desencadear imagens-sonho de um encontro possível entre crianças e professores e tantos outros do pensamento?

Deleuze (2007) convida a pensar nessas imagens não como imagens-lembranças virtuais de um encontro, mas, a partir de Bergson, como um circuito que liga as sensações do mundo exterior ao interior. Assim, as imagens de “O Balão Vermelho” mostram o movimento de dobras possível no encontro com o outro do pensamento, que se faz nos processos de profundidade e de superfície da cartografia de uma vida.

Dormindo, a criança cartografa imagens-sonho como percursos nômades criados por seu encontro com o balão e, também, traça outras linhas de existência por entre ruas, escolas, avenidas... Pois “[...] as percepções da pessoa que dorme subsistem, porém no estado

difuso de uma nuvem de sensações atuais, exteriores e interiores, que não são apreendidas por si mesmas, escapando à consciência” (DELEUZE, 2007, p. 73).

As imagens-sonho desenhadas pelo filme apresentam imagens de encontros possíveis, encontros que desencadeiam um devir... Uma outra força, uma potência, uma outra existência possível. A imagem virtual de crianças estourando o balão não prolonga o vínculo sensório-motor, não remete logo à atualização do fim do encontro entre o menino e o balão, mas atualiza outras imagens, outras composições com o outro do pensamento.

Desse modo, a imagem-movimento é paralisada. Isso porque a vida não se deixa enquadrar e nem se entrega a um pensamento da representação. A maneira de perceber o outro como afecção de si é o que permite que outras imagens de pensamento surjam e quebrem os clichês que buscam fixar a reprodução das pessoas e de seus papéis sociais, não aceitando mais os modelos de criança ou a “ideia de professoralidade” (CORAZZA, 2008), posta como a mais adequada para as escolas, para as ruas, para a existência da humanidade.

Surgem imagens-sonho que também “[...] desempenham o papel de imagem virtual atualizando-se em uma terceira, ao infinito: o sonho não é uma metáfora, [...] mas um devir que pode, em direito, prosseguir ao infinito” (DELEUZE, 2007, p. 73).

[...] quando *professores-e-artistas* compõem, pintam, estudam, escrevem, pesquisam, ensinam, eles têm apenas um único objetivo: desencadear devires. Devires que não são sempre moleculares, já que devir não é imitar algo, nem identificar-se com alguém, tampouco promover relações formais entre identidades (CORAZZA, 2008, p. 243).

As *imagensnarrativas* da docência e as imagens cinema de “O Balão Vermelho” apresentam um “sonho implicado”, que, como diz Deleuze (2007), ao separar a imagem ótica e sonora de seu prolongamento motor, permite prolongá-las em *movimento de mundo*.

Pelas imagens-sonho, a atualização de uma terceira imagem faz a ruptura do vínculo sensório-motor e permite o surgimento do reflexo de outra imagem: a imagem-tempo. O jorro do tempo ao experimentar a duração do encontro entre menino e balão deslizando pelo céu. A potência do devir-criança e do devir-balão na composição de outras forças no campo do desejo educativo.

Assim como nas imagens do filme, nas *imagensnarrativas* tecidas pelos professores, percebe-se que a “[...] câmera lenta libera o movimento de seu móvel para fazer dele um deslizamento de mundo” (DELEUZE, 2007, p. 76). Ocorre a passagem de uma suposta realidade (balão em fuga, balões em composição, professores a enunciarem outros modos de existência) ao sonho (composições com o outro do pensamento). Os movimentos da câmera, os movimentos da escola e os movimentos de conversações entre os professores expressam esses movimentos de mundos, que se libertam no sonho implicado.

A criança aterrorizada não pode fugir ante o perigo, mas o mundo se põe a fugir por ela e a leva consigo, como sobre uma esteira móvel. As personagens não se mexem, mas, como num filme de animação, a câmera faz mexer o caminho sobre o qual elas se deslocam (DELEUZE, 2007, p. 76).



Imagem 7 – Imagem do filme “O Balão Vermelho” – sonho implicado.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=_SaRIP44CQQ>. Acesso em: 18 maio 2014.

Assim, uma vida também ensina que é possível desterritorializar, embarcar com o mundo em suas fugas. Torna-se possível perceber que o que devém nos encontros cotidianos entre professores e crianças é a capacidade de fabular imagens-sonho que criam linhas errantes, que seguem por caminhos desconhecidos, nômades, ao mostrar, na superfície das relações, lógicas mais sensíveis para os processos de criação e de devir-outro: devir-criança e devir-balão. Como a câmera do cinema, os processos constituintes da docência fazem mexer o caminho sobre o qual ela se desloca. E nos encontros entre cinema e docências e infâncias também vão se compondo experiências de encontros estilísticos com o outro do pensamento, cunhando outros sentidos para os movimentos educativos, cartografando suas experiências e mobilizando o pensamento para a criação de outras imagens que impliquem os cuidados com o outro e consigo mesmo.

ENCOUNTERS BETWEEN CINEMA IMAGES AND THE OTHER OF THOUGHT IN THE FORMATIVE NETWORKS WITH TEACHERS

Abstract

The article is a composition of images and conversations woven with a group of teachers from a Vitória/ES school. Problematizes, from conversations with teachers, the intersection between the cinema images and the school images, what emerges in the daily encounters between teachers and children. Methodologically, the article articulates procedures of cartographic research and everyday life research, following the immanent lines of educational practices and non-dogmatic thoughts for teacher training, using as a trigger of conversation the movie "The red balloon". It concludes that what happens in the

daily encounters is the increase of the capacity to fable dream-images that create errant lines. Thus, in the encounters between cinema images and teaching and childhood are composing stylistic experiences with the other of thought, coining other directions for educational movements.

Keywords: Images. Cinema. Thoughts. Continuing teacher training.

LAS REUNIONES ENTRE EL CINE Y LAS OTRAS IMÁGENES DEL PENSAMIENTO EN LA RED DE FORMACIÓN CON LOS MAESTROS

Resumen

El artículo es una composición de imágenes y conversaciones tejidas a un grupo de profesores de una escuela en Vitória / ES. Problematizar, a partir de conversaciones con los profesores, a través de la intercesión de la imágenes y fotos de la escuela de cine, lo que emerge en los encuentros cotidianos entre maestros y niños. Metodológicamente, coordina la cartografía y la encuesta del diario siguiendo las líneas inmanentes de las prácticas educativas y no pensamientos dogmáticos para la formación docente, utilizando como conversaciones disparador a la película "El Globo Rojo". Se llega a la conclusión de que lo que ocurre en los encuentros cotidianos se incrementa líneas fábula imágenes sueño capacidad que crean errantes. Por lo tanto, los encuentros entre las imágenes y clips de video y docencias infancia se componer experiencias estilísticas con otro pensamiento, acuñando otros sentidos para el movimiento educativo.

Palabras clave: Cine. Pensado. La educación de los maestros de continuar.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *Profanações*. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução Paulo Neves. 3. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CARVALHO, J. M. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis, RJ: DP et alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

_____. *Devir-docência potencializando a aprendizagem sem medo*. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. UNICAMP, Campinas, 2012.

_____. Cartografia e o cotidiano escolar. In: Ferraço, C. E; Perez, C. L. V.; Oliveira, I. B. *Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP et alii, 2008.

CORAZZA, S. M. Para artistar a filosofia-educação: sem ensaio não há inspiração. *Revista de Educação Pública*. Cuiabá, v. 17, n. 34, pp. 237-254, maio/ago., 2008.

DELEUZE, G. *Imagem-Tempo*. 1985. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. Brasiliense. 1. ed., 2007.

FISCHER, R. M. B. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. *Revista Brasileira de Educação*, 2009, Vol. 14 (40).

O BALÃO VERMELHO. Direção: Albert Lamorisse. Paris, 1956.

Enviado em 21 de novembro de 2016.

Aprovado em 30 de março de 2017.